

PAISAGEM DO PONTO DE VISTA DA ANTROPOLOGIA

*Oswaldo Giovannini Junior*¹

Grupo Conservação Ambiental e Planejamento Espacial Marinho (CEDEPEM)

INTRODUÇÃO

As pesquisas em torno das transformações das paisagens locais, sejam elas naturais ou antrópicas, especialmente em regiões que são unidades de conservação e que envolvem comunidades tradicionais, carecem de uma colaboração entre diversas formas de conhecimento, científicos (necessariamente interdisciplinares) e tradicionais. O diálogo e a colaboração entre regimes de conhecimento diferentes são importantes para a gestão de territórios e para ações de cunho político, social e ecológico.

Segundo Boaventura de Souza Santos, estamos vivendo uma época de aproximação entre ciências naturais e ciências sociais, uma superação de um paradigma que opunha dicotomicamente estas duas grandes áreas do conhecimento. Tal superação vem acompanhada pela superação de outras dicotomias, como a de cultura e natureza, ou de sujeito e objeto, tão afirmada historicamente no campo da sociologia e da antropologia.

A superação da dicotomia ciências naturais/ciências sociais tende assim a revalorizar os estudos humanísticos. Mas esta revalorização não ocorrerá sem que as humanidades sejam, elas também, profundamente transformadas (SANTOS, 2008, p. 70).

A aproximação entre as ciências naturais e antropologia, cobra desta última reflexões no sentido de transformar certos conceitos, rever metodologias e desenvolver investigações que levem em conta novas abordagens sobre os seres humanos e suas relações com outros seres e fenômenos não humanos, a fim de colocá-la “a serviço de uma reflexão global sobre o mundo”, deslocando a atenção da humanidade como centro do mundo e colocando “a natureza como centro da pessoa” (idem, p. 71).

¹ Professor Adjunto II, Universidade Federal da Paraíba. Pós Doutorado (PNPD/CAPES) pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Doutorado em Antropologia Cultural pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua principalmente nas seguintes áreas: antropologia visual, cultura popular, patrimônio cultural, folclore, festas, festas religiosas, cultura afro brasileira.

Pesquisas etnográficas em torno de questões antropológicas sobre sustentabilidade e áreas protegidas não são uma novidade. Isso porque as estratégias de conservação da biodiversidade, assim como a formação de territórios de povos tradicionais, têm se ampliado pelo mundo, o que leva a crer que suscitam interesse e questões de relevância sociológica e antropológica. Segundo Cardoso, Barreto Filho e Silveira (2020), o tema foi foco de antropólogos nos anos 1990 dando atenção especial a conflitos entre povos e comunidades tradicionais diante de iniciativas conservacionistas que afetavam seus modos de vida, trazendo à cena um “viés socioambiental”.

Destacamos aqui a emergência do socioambientalismo como uma dimensão inovadora no Brasil, que decorre de um amplo conjunto de pesquisas interdisciplinares engajadas, resultantes de redes de relações trans escalares entre acadêmicos, movimentos sociais, organizações não governamentais e diferentes instâncias de governo (CARDOSO et al, 2020, p.13).

Os estudos mais recentes têm se debruçado, entre outras coisas, sobre como conhecimentos de comunidades tradicionais contribuem para a conservação da biodiversidade, da sociodiversidade e do ambiente onde estão inseridas, fazendo ver como a visão das comunidades sobre meio ambiente e habitabilidade contribuem para a conservação da natureza e de modos de vida sustentáveis. Tais trabalhos no Brasil têm feito cruzar os campos científicos da antropologia, ecologia e biologia, trazendo discussões sobre as tensões em torno dos conceitos de sustentabilidade e modos de habitar o mundo, procurando a superação da dicotomia entre natureza e cultura (INGOLD, 2015). No centro dos debates encontramos reflexões que procuram reformular o conceito de paisagem, enfatizando seu caráter fluido e dinâmico na interação entre os seres.

No campo das Ciências Sociais o pensamento clássico sobre a noção de paisagem está representado por Georg Simmel (2009). Para este autor existe uma diferença crucial entre natureza e paisagem que deve ser levada em consideração. Enquanto a natureza é um aglomerado de objetos em fluxo no tempo, a paisagem é um enquadramento que nós seres humanos fazemos ao entrar em contato com o mundo tempo da natureza.

Por natureza entendemos o nexo infindo das coisas...que se expressa na continuidade da existência espacial e temporal. Mas, para a paisagem, é justamente essencial a demarcação... (SIMMEL, 2009 [1913], p. 5 e 6)

Penso que para Simmel a paisagem, para além da simples reunião de objetos, rios, mares, montanhas, fauna e flora, calor, vento e chuva, envoltos a fluxos e movimentos no

tempo, indissociáveis e ininterruptos, seria um enquadramento deste grande e ininterrupto ambiente da natureza, uma composição elaborada pelo espírito humano. Entretanto, ressalvado o fato das reflexões de Simmel abrir novas possibilidades de entendimento da relação entre cultura e natureza, como fenômenos que não se opõem, por outro ainda fica a imagem de um observador que contempla algo que lhe é exterior e por ele é arrebatado. Importa então para as reflexões da antropologia contemporânea a superação desse distanciamento e colocar o homem, não diante da paisagem, mas dentro dela.

Na compreensão de que habitamos um mundo ao qual não nos opomos, mas do qual fazemos parte, penso que uma antropologia da vida seja um caminho interessante para colocar o homem de volta à terra, de volta à vida, ou seja, como participante efetivo e condicionado por fluxos e ritmos para além de sua existência autônoma. Como vem dizendo Tim Ingold, vivemos em paisagens de um mundo/tempo, não em um cenário fixo no qual atuamos e o qual exploramos ao nosso agrado e domínio, mas uma malha fluida e interativa onde todos os seres vivos, e nós mesmos, podem experimentar vento, sol, chuva, movimentos de maré, “e uma série de outros fenômenos relacionados com o tempo, os quais afetam fundamentalmente todos os seus humores e motivações, seus movimentos e possibilidades de subsistência...” (INGOLD, 2015, p. 123).

Essa existência da paisagem com um duplo, objetivamente dado por rios, mares e manguezais, ventos, sol, chuva e marés, e também subjetivamente dado pela percepção dos seres humanos que dela mesma fazem parte, nos remete ao entendimento em torno de uma diversidade de percepções humanas decorrentes de processos sociais e históricos dos quais fazem parte cada agente presente na paisagem. Tais agentes podem ser cientistas e especialistas, moradores tradicionais, indígenas, pescadores, catadores de caranguejo ou marisqueiros e também turistas, viajantes e novos moradores. Desta forma, nos territórios em que atuamos, a diversidade de percepções e, conseqüentemente, de narrativas quanto à paisagem e suas transformações, devem ser levadas em consideração na elaboração de diagnósticos através de ações coletivas e colaborativas.

Propomos estudos que atentem às formulações de sentido dos grupos sociais envolvidos, seja ele comunidade tradicional ou grupo de pesquisadores em campo, ou de gestores de uma unidade de conservação. É preciso encontrá-los inseridos de forma multideterminada na paisagem às quais estão agregados, no mundo-tempo ao qual pertencem e se inserem. Uma técnica de pesca tradicional ou uma festa religiosa devotada a uma santa padroeira, o conhecimento sobre o uso de ervas medicinais, ou os saberes em torno da

influência da lua e os estágios da maré, são derivados de ações e ideias criadas no fluxo contínuo da vida, dentro do qual o humano é apenas uma das partes envolvidas.

A compreensão do humano, então, se vincula à compreensão da paisagem, como aborda Silveira e Buti (2020), caminhamos para uma etnografia sobre como se produzem, se conservam e se transformam as paisagens nas fricções entre natureza, mangue, maré, quintais, animais, aves, insetos, temporalidades, etc., comunidades populares, tradicionais ou não, instituições, políticas estatais, empreendimentos privados ou públicos, mercado, turismo, etc. Etnografias a serem produzidas em torno de itinerários, produção de espaços, sistemas de símbolos e cosmologias, memórias, festas, rituais, trabalho e subsistência, realizados por pessoas em suas biografias que emergem de suas narrativas e ações pelo mundo-tempo.

Seguir pessoas pelas paisagens permite revelar-nos suas ações, suas perspectivas e ao mesmo tempo as paisagens e suas transformações, as malhas de relações produzidas em um mundo-tempo. Transformações de curta e de longa duração, articulando o passado pelas memórias reveladas pelas narrativas, ao presente do estado das coisas e seres e lançando expectativas para um futuro da vida nesses locais. Tocamos aqui nos questionamentos de Santos (2008) sobre os novos paradigmas da ciência contemporânea que precisa buscar perspectivas descolonizadoras e apresentar as outras vozes que apontam para muito mais além do que as nossas do cientista pesquisador.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Thiago Mota; ELOY, Ludivine; BARRETO FILHO, Henyo Trindade; SILVEIRA Pedro Castelo Branco. Apresentação do Dossiê: Antropologia das Áreas Protegidas e da Sustentabilidade. **Anuário Antropológico** [Online], I, 2020. Disponível: <<http://journals.openedition.org/aa/4926>>, 27 janeiro 2020. Acesso em: 21 abr. 2021.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, Vozes, 2015.
- Santos, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Editora Cortez, 2008 [1985/86].
- SILVEIRA, P. C. B.; BUTI, R. P. A vida e a morte dos guaiamuns: antropologia nos limites dos manguezais. **Anuário Antropológico**, nº. I, 2020, 16 fev 2020. Disponível em: A vida e a morte dos guaiamuns: antropologia nos limites dos manguezais (openedition.org). Acesso em: 21 abr 2021.
- SIMMEL, George. **Filosofia da paisagem**. Coleção: Textos Clássicos de Filosofia. Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2009 [1913].